
OPINIÃO

Ser ou não ser... *Charlie*: será esta a questão?

PATRÍCIA VIEIRA 20/01/2015 - 02:44

Somos palestinos e judeus, *Charlie* e muçulmanos, até que a próxima tragédia nos forneça novos mártires que possamos chorar.

“Eu sou *Charlie*”, proclamaram nos últimos dias milhões de pessoas nas ruas de cidades um pouco por todo o mundo, assim como na Internet. A este coro de vozes apressou-se a responder um outro anunciando “Eu não sou *Charlie*.” Ser ou não ser *Charlie* passou a refletir uma determinada posição política, social e religiosa. Mas o que significa, afinal, identificar-se ou não com *Charlie*? Será esta a questão central que enfrentamos, no rescaldo dos ataques em Paris?

Vale a pena lembrar aqui quem temos sido e deixado de ser recentemente. Só nos últimos meses, a opinião pública mundial foi palestina, sob o fogo do exército israelita, foi Michael Brown, o adolescente negro assassinado pela polícia em Ferguson, EUA, foi polícia, por ocasião dos atentados no Canadá e depois em Nova Iorque, foi australiana, aquando do sequestro em Sydney, e foi, para além de *Charlie*, judia, depois das mortes no supermercado *kosher*, e muçulmana, em apoio aos muçulmanos franceses moderados.

A identificação com as mais variadas vítimas sucede-se a uma velocidade crescente. Somos palestinos e judeus, *Charlie* e muçulmanos, até que a próxima tragédia nos forneça novos mártires que possamos chorar, nos quais nos reconheceremos ou não, fugazmente, ao ritmo alucinante dos meios de comunicação e da Internet.

Ao “sermos” esta ou aquela pessoa, um ou outro grupo social, partilhamos o sofrimento alheio e exprimimos a nossa solidariedade para com as vítimas. Mas será a identificação, com a sua forte componente emocional, a melhor resposta a estes eventos?

É óbvia a superficialidade deste tipo de identificação passageira, que muda a cada novo ciclo de notícias. Se o nosso acesso quase imediato à informação potencia um estado de permanente efervescência emotiva, o que é certo é que a nossa reação aos múltiplos estímulos a que estamos sujeitos é necessariamente transiente e permanece à flor da pele.

Um outro problema com a identificação é o seu carácter reativo. Quando nos identificamos com alguém, reagimos emocionalmente a um evento e abandonamos a nossa distância crítica, o que significa que, em última análise, sacrificamos a nossa capacidade de pensar.

Este abandono da faculdade de reflexão é notório no debate que se tem vindo a desenrolar em relação à necessidade de ser ou não ser *Charlie*. Aqueles que “são *Charlie*” invocam o desejo de defender a liberdade de expressão e condenar a barbárie do terrorismo muçulmano; os que “não são *Charlie*” consideram como ofensivas as caricaturas do profeta Maomé que figuram frequentemente no *Charlie Hebdo*.

Bastaria um módico de pensamento crítico para concluir que estas posições, aparentemente irreconciliáveis, estão afinal bastante próximas. Defender a liberdade de expressão não implica apreciar as caricaturas de Maomé ou de qualquer outra figura religiosa, incluindo o papa ou rabinos. Significa, sim, concordar que queremos viver numa sociedade sem censura, na qual temos a possibilidade tanto de praticar livremente a nossa fé, como de caricaturar figuras religiosas e rirmo-nos delas sem receio, se assim o desejarmos.

A polarização social que resulta da identificação cega com um ou outro grupo, com os que são ou com os que não são *Charlie*, faz-nos perder de vista o essencial. Se, por um lado, é claro que não somos *Charlie*, já que é pouco provável que alguém concorde a cem por cento com todo o conteúdo de um jornal, por outro lado, certamente somos *Charlie* na nossa defesa da liberdade de exprimir opiniões diversas na imprensa, incluindo aquelas com as quais não estamos de acordo.

A crítica a uma identificação simplista com determinados grupos de opinião é talvez a mensagem mais profunda da capa da última edição do *Charlie Hebdo*, onde vemos um choroso profeta Maomé exibindo um cartaz no qual se lê: “Eu sou *Charlie*.” Estará o profeta realmente arrependido? Será a sua tristeza real, ou chorará ele lágrimas de crocodilo? Ter-se-á a expressão “Eu sou *Charlie*” tornado tão popular que nem o profeta lhe pode resistir? Será ele sincero, ou resultará a sua identificação da pressão dos meios de comunicação? Quem representa ali Maomé, a comunidade muçulmana, os líderes religiosos, ou todos nós, emocionados com os eventos recentes?

O debate em torno de ser ou não ser *Charlie* encobre uma questão mais profunda, que os colegas dos cartoonistas assassinados nos quiseram lembrar. Antes de sermos ou não sermos *Charlie*, afigura-se-nos o dilema shakespeariano do ser ou não ser *tout court*, ou seja, somos confrontados com um problema existencial, que nos convida a refletir sobre o que significa viver. É este impulso que se perde quando aderimos sem hesitações a causas mediáticas e, abandonando a nossa faculdade de pensar, nos tornamos *Charlie* ou não *Charlie*.

Aqueles que foram tocados mais de perto pela tragédia, os cartoonistas do *Charlie Hebdo*, ofereceram-nos na nova capa do jornal um exemplo de coragem intelectual. Resistindo à onda superficial de identificação ou não com os seus colegas, fizeram-nos rir do que se passou e, na distância criada neste momento cómico, na apreciação dos matizes da piada, abriram espaço para pensarmos sobre o que aconteceu.

Professora na Universidade de Georgetown, EUA

COMENTÁRIOS
